

# A arte de falar pouco

O presidente Fernando Henrique enrolou-se num qui-proquê dos diabos, em boa parte por culpa da mania de brilhar, ostentando as celebradas habilidades de poliglota e comunicador de sucesso internacional. E, em dose menor, mas ainda assim considerável, por conta de um curto-circuito na corrente da interpretação da sua amazônica resposta à infalível pergunta do repórter, na roda da entrevista coletiva, sobre os seus planos e ambições de dobrar o mandato, na onda da reeleição.

Tema sedutor, como se vê. E tudo estimulava a soltar a língua e deitar falação ao sabor do improviso, examinando as alternativas e mandando recados ao Congresso, aos líderes governistas e ao distintíssimo e cada vez mais paparicado eleitor. Reeleição é conversa da moda, aqui e em Buenos Aires. E Fernando Henrique foi provocado por um especialista na matéria: o anfitrião, presidente Carlos Menem. Tudo isso na descontração de visita de bisado êxito, com as embasbacadas badalações à simpatia do nosso infatigável viajante.

A resposta de Fernando Henrique, reproduzida na íntegra, na segunda página do **JB** de ontem, ocupa duas colunas, em corpo miúdo, descontado o espaço do anúncio que engole um palmo do pé.

Leia-se, releia-se o articulado e não se descobre a explosiva confirmação do seu empenho na reeleição que suscitou as múltiplas reações de surpresa, perplexidade e crítica de todo o espectro político.

FH repete-se, exercitando-se em variações sobre o tema do seu notório encanto. Sem sair do círculo do sabido: "o Congresso é que deve decidir, com clareza", cabe à sociedade debater se convêm ou não manter os mandatos de quatro anos do presidente, dos governadores e prefeitos; lembrou que já manifestara a opinião que a decisão deveria ser abreviada para eventualmente contemplar os atuais prefeitos. E foi por aí, como que embalado pela música da própria voz.

Então, por que a excitação que agitou Brasília, provocando chorrilho de declarações, discursos, especulações, a gaiata nota oficial de timbre republicano do PMDB, com

a assinatura de reforço do ex-presidente Itamar Franco e até o lançamento da candidatura presidencial do prefeito Paulo Maluf, em explícita manobra diversionista do presidente do PPB, senador Espiridião Amin?

Bem, não há como escamotear a escorregadela no chão liso da prensa e da leviandade de todos nós, políticos e imprensa, que embarcamos na primeira impressão, confundidos pelo registro resumido na TV e nos jornais, pinçando frases sem atenção à coerência do contexto.

Mas, depois de estender as mãos à palmatória, chega a vez de cobrar a parcela de culpa do presidente. E que não é irrelevante.

Pois se Fernando Henrique gaba-se de ser um especialista em comunicação não pode ignorar algumas de suas regras elementares. No caso, a primeira delas aconselharia que adotasse na abordagem de assunto polêmico e fervente, a cautela de ser o mais claro e sucinto possível. Ao invés da lengalenga dispersiva — cacoete de sociólogo que se extasia com a análise conceitual —, a resposta curta, seca e incisiva. Em duas ou três frases introdutórias que fixassem sua posição com absoluta clareza e transparência.

E só. Tudo mais soa superfluo, dispensável e só serve para criar confusão e alimentar fofocas.

Fernando Henrique é o mais loquaz dos nossos presidentes. É bom que presidente diga o que pensa, dialogue com a sociedade. Mas, sem exageros, nos limites da conveniência.

A sabedoria popular consagra o conselho perfeito: em boca fechada não entra mosca.